

## **Manhã de verão**

As nuvens, que, em bulções, sobre o rio rodavam,  
Já, com o vir de manhã, do rio se levantam.  
Como ontem, sob a chuva, estas águas choravam!  
E hoje, saudando o sol, como estas águas cantam!

A estrela, que ficou por último velando,  
Noive que espera o noivo e suspira em segredo,  
— Desmaia de pudor, apaga, palpitando,  
A pupila amorosa, e estremece de medo.

Há pelo Paraíba um sussurro de vozes,  
Tremor de seios nus, corpos brancos luzindo...  
E, alvas, a cavalgar brancos monstros ferozes,  
Passam, como num sonho, as náiades fugindo.

A rosa, que acordou sob as ramas cheirosas,  
Diz-me: "Acorda com um beijo as outras flores quietas!  
Poeta! Deus criou as mulheres e as rosas  
Para os beijos do sol e os beijos dos poetas!"

E a ave diz: "Sabes tu? Conheço-a bem... Parece  
Que os Gênios de Oberon bailam pelo ar dispersos,  
E que o céu se abre todo, e que a terra floresce,  
— Quando ela principia a recitar teus versos!"

E diz a luz: "Conheço a cor daquela boca!  
Bem conheço a maciez daquelas mãos pequenas!  
Não fosse ela aos jardins roubar, trêfega e louca,  
O rubor da papoula e o alvor das açucenas!"

Diz a palmeira: "Invejo-a! ao vir a luz radiante,  
Vem o vento agitar-me e desnastrar-me a coma:  
E eu pelo vento envio ao seu cabelo ondeante  
Todo o meu esplendor e todo o meu aroma!"

E a floresta, que canta, e o sol, que abre a coroa  
De ouro fulvo, espancando a matutina bruma,  
E o lírio, que estremece, e o pássaro, que voa,  
E a água, cheia de sons e de flocos de espuma,

Tudo, — a cor, o clarão, o perfume e o gorjeio,  
Tudo, elevando a voz, nesta manhã de estio,  
Diz: "Pudesses dormir, poeta! No seu seio,  
Curvo como este céu, manso como este rio!"